



Departamento de Sociologia

Como se organiza um bairro?
Um estudo de caso sobre a Cova do Vapor (Trafaria)

Bruno Miguel Amaro Mateus

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Sociologia e Planeamento

Orientador:
Doutora Graça Índias Cordeiro, Professora Auxiliar com agregação
ISCTE-IUL

Setembro, 2010

Resumo

A crescente procura e o consequente valor dos locais à beira-mar, levaram a uma reorganização da orla costeira, alterando a vida das populações marítimas já existentes.

O objectivo deste exercício é acima de tudo, poder dar um contributo para a compreensão de estrutura e da organização social em bairros mais desfavorecidos economicamente, pertencentes a um contexto litoral marítimo.

O caso em particular assume um maior interesse através da adversidade que o meio físico apresenta, despertando assim um desafio interessante para a ciência social.

A partir de um estudo de caso com intuito exploratório, procurou-se identificar elementos que contribuíssem para as dinâmicas de coesão social, num bairro periférico de Lisboa com características turísticas.

Os resultados alcançados apontam para a importância que o território assume enquanto espaço de complexas interacções, pela forma como ele influencia a acção de múltiplos actores.

Palavras-chave: Bairros, Coesão social, identidade, estrutura social, sociabilidade.

Abstract

The increasing demand and therefore the value of the local seaside, led to a reorganization of the coastline changing the lives of coastal populations already exist.

The purpose of this exercise is above all can make a contribution to the understanding of structure and social organization in economically disadvantaged neighborhoods, belonging to a coastal marine environment.

The case in particular takes on added interest through the adversity that the physical features, as well as raising an interesting challenge for social science.

From a case study with exploratory purpose, we tried to identify elements that were significant in the dynamics and social cohesion on the periphery of Lisbon with tourist features.

The results achieved point to the importance it assumes the territory as an area of complex interactions, the way prevails in the action of multiple actors.

Keywords: Neighborhoods, social cohesion, identity, social structure, sociability.

Agradecimentos

Este trabalho foi elaborado numa fase difícil da minha vida e como tal agradeço a todas as pessoas que me rodeiam, pois sem elas nada seria possível.

Queria no entanto deixar uma palavra especial à Mafalda pela paciência e pelo alento.

Aos meus pais, agradeço não só a paciência como também, a oportunidade por ter facilitado a minha permanência durante alguns meses no bairro, que foi a base deste estudo.

Agradeço à minha orientadora, a Professora Graça Índias Cordeiro, pela prontidão, pelo profissionalismo e pela motivação que sempre teve comigo.

Por fim, uma palavra especial à Comissão de Moradores da Cova do Vapor, à Junta de Freguesia da Trafaria e a todos os moradores do bairro que tive oportunidade de ouvir.

Muito obrigado!

Índice

Introdução	1
1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	2
Os estudos urbanos acerca de Bairros	2
Um bairro à beira-mar: coesão social, identidade e estigmatização.....	7
Um estudo exploratório.....	10
2. METODOLOGIA	11
O trabalho de campo	11
Pesquisa documental	12
Inquérito	12
Entrevistas	12
3. CARACTERIZAÇÃO GERAL DO BAIRRO	13
Física	13
Enquadramento histórico e político.....	14
As casas.....	19
As pessoas	22
4. POR UMA ETNOGRAFIA DE BAIRRO	25
Uma cultura de portas abertas	26
Colectividades e Sociabilidades	28
O tempo cíclico do bairro.....	30
A sazonalidade	30
Os fins-de-semana	31
As actividades	32
Estilos de vida	33
Uma extensão de Lisboa	34
Visibilidade e imagem exterior	36
5. O FUTURO	38
Referências bibliográficas	42

Anexo A	43
---------------	----

Índice de Figuras

Figura 1.2 - Modelo de Inquérito utilizado	44
Figura 2.3- Imagem aérea da Zona de areal em 1996	45
Figura 3.3 – Invasão do Mar desde 1929 a 2007	45
Figura 4.3 – Imagem aérea do local	46
Figura 5.3 – Imagem das vias de acesso ao Bairro	46
Figura 6.3 – Recorte de Imprensa de 1948.....	47
Figura 7.3 – Imagens do processo de movimentação das habitações	49
Figura 8.3 - Palheiros Costa Nova.....	49
Figura 9.3 – Habitação, com traçado original	49
Figura 10.3 – Habitação com traçado original.....	49
Figura 11.3 – Habitações de Arquitectura Caseira	50
Figura 12.3 – Habitação antiga do Bairro, Nº1	50
Figura 13.3 – Ruelas do Bairro	50
Figura 14.3 – Imagens do Bairro.....	51
Figura 15.4 – Imagem zona da Baía, porto de embarcações.....	51
Figura 16.4 – Imagem muro na entrada do bairro 2º Torrão	51
Figura 17.3 – Dados relativos ao inquérito populacional	52
Figura 18.4 - Letra da Marcha da Cova do Vapor	53

Introdução

As praias da margem sul do Tejo, principalmente após a inauguração da travessia pela Ponte 25 de Abril, têm sido um dos locais importantes de lazer da grande Lisboa. O desenvolvimento verificado criou a necessidade de planos de ordenamento territorial por parte de vários organismos. No entanto, existem ainda alguns recantos que têm passado incólumes a essa transformação territorial e social, como é o caso, do bairro da Cova do Vapor, na freguesia da Trafaria que serviu de objecto de estudo neste trabalho.

Assim, este estudo, de intuito exploratório, centrou-se essencialmente em dois pontos: por um lado, a caracterização geral do bairro e por outro, uma abordagem etnográfica do mesmo, no sentido de compreender-se a vida quotidiana. No que toca à caracterização do bairro foi dado especial ênfase aos aspectos físicos, demográficos, habitacionais e históricos. Adiante foram trabalhados os aspectos etnográficos do bairro e nesse âmbito mais vasto, foi recolhida informação junto das instituições e dos espaços de sociabilização através de contacto directo no local.

Do ponto de vista estrutural, o trabalho está organizado em cinco capítulos. No primeiro, faço o enquadramento teórico e apresento o estado da arte onde são apresentados alguns trabalhos de referência sobre o tema; No segundo capítulo apresento a Metodologia aplicada, com destaque para o método de observação participante; A caracterização geral do bairro é apresentada no terceiro capítulo; A etnografia de bairro, onde são desenvolvidos aspectos relativos ao seu quotidiano e suas práticas, é mostrada no quarto capítulo; Por fim, a conclusão, a que intitulei de “Futuro”, pois teve como objectivo, referir aspectos que porventura, poderão fazer parte dos tempos vindouros para o local, como são os projectos de planeamento territorial e social que se encontram em fase de estudo e exploração.

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Para a realização deste estudo exploratório, foi importante percorrer alguns dos trabalhos já elaborados de forma a contextualizar o meu exercício no contexto relativo ao estado da arte sobre esta temática.

Existem alguns aspectos no bairro que levantam alguns problemas de enquadramento. Logo à partida, o factor de proximidade com as praias tornou o local numa espécie de aldeamento turístico com casas de veraneio. Em segundo lugar, o facto da Cova do Vapor estar isolada das restantes localidades da freguesia da Trafaria, aproximou-a cada vez mais da tipologia de uma aldeia. Considerando o supra referido, tentei levar em conta as teorias relativas a uma antropologia marítima mais sensível às particularidades destas povoações. Foi dado especial ênfase, neste estudo que toma como ponto de partida a forma de coesão social num bairro, à sua vida quotidiana e ao seu funcionamento. Neste capítulo, para além de uma análise dos estudos já elaborados acerca de bairros, serão também discutidos aspectos relativos à identidade, à coesão social e à estigmatização urbana, com base nestes trabalhos.

Os estudos urbanos acerca de Bairros

O exemplo da obra *Sociedade de Bairro*, de António Firmino da Costa é um óptimo ponto de partida teórico para este exercício. Um estudo aprofundado sobre a identidade cultural do bairro de Alfama, em Lisboa. Assume-se como referente empírico, a identidade cultural, que se traduz num conceito ambíguo e de significados múltiplos.

A investigação do autor é dirigida a vários âmbitos, padrões culturais, formas de cultura popular, relações de vizinhança e percursos de vida entre outros. Dado que a obra é fruto de uma investigação de vários anos, foi possível criar uma plataforma de observação continuada onde foi recolhida informação de protagonistas centrais, como foi o caso de associações ou de colectividades de convívio social.

O autor, considerou o estudo num encadeamento de problemas de investigação, um estudo exploratório que, consoante o envolvimento, fazia surgir outros aspectos de

investigação. O bairro é caracterizado por uma configuração sócio-cultural localmente enraizada, procurando algumas noções centrais sobre a identidade cultural. A metodologia de investigação baseou-se numa constante presença no terreno, de observação participante, método que adoptei e que me pareceu fundamental no meu trabalho.

De uma forma geral, a obra de António Firmino da Costa divide-se em três partes. Primeiramente o autor identifica os aspectos de carácter morfológico, social e cultural do bairro de Alfama. Nesta parte, o autor refere os aspectos físicos, a imagem criada e o traçado urbanista com os seus aspectos mais emblemáticos e faz também referência aos seus habitantes, quem são e como vivem. Na segunda parte, é desenvolvido o seu núcleo estruturante. Aqui, o autor expõe aquilo que caracteriza uma sociedade de bairro e nesse âmbito são estudadas três vertentes centrais do bairro. Os seus aspectos culturais, como o *fado*, as *marchas*, os *arraiais* e todos os outros eventos culturais que tenham palco em Alfama. As classes sociais, com especial ênfase nos aspectos da sua estratificação, nas trajectórias e mobilidade dos seus habitantes bem como na diversificação social e a sua origem. Por fim, o autor aborda as transformações recentes, uma vez que, como disse anteriormente, o seu trabalho foi desenvolvido ao longo de alguns anos e só assim foi possível relacionar o desenvolvimento e as mudanças entretanto operadas. Neste sentido, o autor procurou encontrar persistências e também novos aspectos relacionados com novas culturas mediáticas e estilos de vida.

Sociedade de bairro, é a noção central que António Firmino da Costa trabalha nesta obra, como sendo um tipo específico de configuração social que o autor enquadra num dos bairros mais emblemáticos da cidade de Lisboa. Um conceito que assenta numa sobreposição de parâmetros de composição social, configuração simbólica e contexto interacional, redobrados de formas vincadas de identidade cultural, as quais, por sua vez, emergem dos factores sobrepostos, numa articulação complexa de dinâmicas endógenas e exógenas que atravessam o quadro de interacção local.

Identidade de bairro e identidade colectiva são conceitos que tiveram destaque na abordagem teórica acerca do bairro. Tal como referi anteriormente, a obra *Sociedade de bairro* assenta num modelo analítico articulado em três conceitos: padrões culturais, classes sociais e quadros de interacção. Ora o essencial nestes três aspectos, para além

da sua importância em si, passa também pelo modo como poderá existir algum ganho cognitivo e alguma potencialidade numa abordagem conjunta.

Dentro do seu núcleo estruturante, a identidade cultural comporta alguns aspectos importantes, a imagem social, as representações cognitivas e o seu registo analítico. O *fado*, é visto como elemento de uma certa homogeneidade social, uma prática que une os habitantes num gosto comum e identitário do bairro e neste aspecto, enquanto prática cultural é parte simbólica da cidade de Lisboa. No exercício por mim elaborado tive oportunidade também de encontrar registos da sua prática no bairro do Cova do Vapor.¹

É de salientar que a composição social do bairro estudado por António Firmino da Costa é caracterizada por uma população maioritariamente de origem rural que, ao ser colocada num contexto diferente do da sua, ou seja, um meio urbano, accionam, por assim dizer, um sistema de disposições incorporadas do meio rural. No fundo, uma importação de um estilo de vida ou de uma visão rural aplicada ao contexto urbano, contribuindo assim para esta ideia de meio social popular. No entanto, Alfama é palco de uma migração contínua, reflecte uma mobilidade social intergeracional onde várias gerações passam pelo processo de migração. Alfama, caracteriza-se como um bairro de tecido social igualitário e com forte sentido popular da população.

E se a definição de popular é pautada por um conjunto de características ligadas ao *modus vivendi*, o autor define na obra algumas posições relativas a várias dimensões do modo de vida, entre eles, a dimensão social, que respeita as classes e redes sociais, a dimensão cultural, ligada aos valores, padrões de conduta, formas simbólicas e identidades, a dimensão temporal, no que respeita às trajectórias de vida, orientações e projectos pessoais e por fim, surge, a dimensão espacial, ligada aos fenómenos de localidade e de contextos de interacção.

Um outro trabalho que importa referir, nesta mesma linha é, *Um lugar na cidade*, um estudo levado a cabo por Graça Índias Cordeiro sobre um dos bairros típicos e populares de Lisboa, a Bica. À semelhança do que foi feito em Alfama, importa aqui destacar a

¹ Tema que exploro no capítulo intitulado, *Uma extensão de Lisboa*

relação entre a população e as festas populares, essencialmente no que isso representa para a população.

Para além da recolha histórica e de contextualização do bairro, a autora analisa os aspectos etnográficos do mesmo, as pessoas e o seu meio social abordando questões relativas aos espaços de convívio e de sociabilização, desde as colectividades às escadinhas da rua.

À semelhança do que foi feito por Firmino da Costa, a obra de Herbert Gans, *The Urban Villagers*, acerca de um bairro em Boston, nos EUA, foi dado especial ênfase à caracterização da população residente, nomeadamente face à sua escolaridade, ao grupo de origem e ao tipo de trabalho entre outros. Este estudo embora datado de 1962 é de uma extrema importância para os estudos acerca de bairros.

Uma ideia importante a reter nesta obra de Gans é a expressão *peer group society* como sendo algo que poderá definir e caracterizar o modo de vida e as pessoas de um determinado grupo social, como se fosse uma subcultura. Aliás, o autor refere que as classes poderão ser vistas como uma subcultura onde existem diferentes modos de vida e estilos que os caracterizam de alguma forma. Neste caso, referente a uma classe desfavorecida da população que coabitando num determinado espaço circunscrito, estimula a uma maior convivência entre iguais e a um maior fechamento social ao exterior. Situação esta, que considere importante reter numa análise comparada ao bairro por mim estado.

Em suma são trabalhados alguns conceitos relativos à ligação entre o poder económico e o seu enquadramento social e cultural, ou seja a pobreza poderá ser uma condição económica mas ao mesmo tempo ela reveste-se de uma forma particular de comportamentos sociais.

William Foote Whyte no seu trabalho, *Sociedade de esquina*, aborda, dentro do mesmo contexto social, relativamente a *Herbert Gans*, teorias relativas a uma cultura de pobreza e aos seus aspectos de maior proximidade, as vivências e os tipos de relações entre um grupo de jovens que se pautavam por actividades menos lícitas. As motivações

que levavam a formar o tal grupo vão de encontro à busca de uma melhor qualidade de vida e consequentemente ascensão social. No fundo, podemos considerar este como um estudo padrão sobre mobilidade social, em que a união requer trabalho, dedicação e reciprocidade entre os membros. A importância desta obra, no contexto do meu trabalho, concentra-se na compreensão destas organizações mafiosas. Não tive oportunidade de explorar muito o assunto no bairro da Cova do Vapor, mas ainda assim, empreendi algum esforço na compreensão relacional que algumas pessoas têm naquele espaço onde era possível encontrar grupos preferenciais e pessoas influentes, que vivem de actividades marginais.

Por fim, neste quadro de recolha de trabalhos, importa referir o caso estudado por Gilberto Velho no bairro de Copacabana, que me parece possuir similitudes particulares com o bairro por mim estudado, nomeadamente, o facto de ambos se situarem à beira-mar e de serem também destinos de lazer. Acresce o facto de que, por um lado a analogia relativa à atracção pelas praias (Copacabana vs Cova do Vapor) cresceu e desenvolveu-se devido a esse facto. No entanto, numa outra vertente, é notória a diferença relativa ao seu enquadramento social. A Cova do Vapor é e sempre foi uma versão contextual micro e popular de Copacabana. Em suma, iguais na sua forma com a atracção pelas praias, mas diferentes no tecido que compõe as suas populações.

Mas o que importa retirar desde exemplo é a forma como o autor orientou metodologicamente o seu estudo antropológico a um caso que, dada a sua dimensão carecia de uma análise mais quantitativa e abrangente. Assim sendo, o autor juntou aos dados estatísticos e às entrevistas, uma análise qualitativa de maior proximidade, em menor escala.

Uma das problemáticas levantadas nesta obra é o estatuto social, que se traduz num dos temas que acompanha todo o livro. Copacabana é símbolo de prestígio na zona. Habitar lá transmite de alguma forma um sentimento de ascensão social. Será também exemplo de como a sociedade constrói num ambiente urbano, a utopia de uma vida perfeita moldada pelas novas formas individualistas que se reveste a sociedade.

Um bairro à beira-mar: coesão social, identidade e estigmatização

Numa primeira visão do bairro, gostaria de referir alguns aspectos relativos à coesão social, principalmente num bairro construído de forma, aparentemente, desorganizada.

Por um lado importa aqui referir que a fisionomia do bairro se caracteriza por uma cultura de portas abertas. Esta “abertura de portas” reflecte um *modus vivendi* mais próximo da rua e da vizinhança, gerador de maiores laços de amizade e união. Este tipo de expressão ganhou maior visibilidade em focos habitacionais térreos e mais precários onde é notória a proximidade entre habitantes e onde é facilmente identificável a existência entreajuda e cooperação. Nos processos de realojamento perdem-se um pouco estes laços, em parte, motivados pela configuração vertical das novas habitações. Por outro lado, o tipo de bairro e as condições pelas quais se deve a sua origem e em parte o seu sentido, ou seja, a uma espécie de aldeamento turístico, dada a proximidade das praias, faz com que o sentimento vivido seja de veraneio, um ambiente de férias em que predispõe melhor as pessoas a um relacionamento menos conflituoso. Estes dois factores poderão ser parte da explicação sobre coesão social no bairro. No entanto, outros factores serão também importantes e relacionam-se com as características do mesmo, como é o caso das actividades praticadas.

O bairro da Cova do Vapor está fortemente virado para as várias actividades marítimas que diferem consoante a idade e os modos de vida mas que no fundo, acentuam e despertam as relações sociais e humanas.

O caso da pesca é bastante ilustrativo, pois consegue gerar um núcleo de pessoas que se relacionam através da partilha de uma actividade comum. Outro dos exemplos são as actividades radicais, como o *surf* e o *bodyboard*, que ganham importância nesta análise, não só pelo facto de se tornar um elo comum a um grupo de pessoas, mas também pela forma como é apropriado o espaço (físico inclusive) pelos actores.

Neste caso, a apropriação do espaço é fortemente marcada por uma presença à beira-mar. As actividades que se podem fazer no mar alteram todo o modo como os habitantes percebem o bairro. Para além do mar, outros factores alteram o modo como o espaço é apropriado pela população. Inclusivamente o facto de ser um bairro

catalogado de construção clandestina, feita de uma arquitectura caseira que de alguma forma revela sem filtros as ambições, o modo de vida e o estado de espírito vivido.

Outro factor que contribui para a coesão social é a existência de uma Comissão de Moradores do bairro, criada após o 25 de Abril de 1974, é um órgão que exerce um certo controlo social naquela comunidade construída. A criação de uma hierarquia que determine regras sociais influencia a coesão social. A Comissão de Moradores, para além de defender os interesses da população no exterior, é um órgão que funciona como regulador. A sua acção é bastante abrangente, tudo passa pela Comissão de Moradores que goza de um certo reconhecimento e respeito da população.

A rua é um espaço de eleição na análise de qualquer bairro e de qualquer sociedade. Serve, *«como um local onde se produz sociedade»*. Um *«recorte empírico que permite encontrar uma multiplicidade de pontos de vista e de objectos»*. (Cordeiro, 2008)

No bairro da Cova do Vapor, existem sempre pessoas na rua, é um factor importante e que influencia o modo de vida do bairro. A sua configuração, com casas térreas e ruelas estreitas, permitem uma maior interacção entre vizinhos, numa cultura de portas abertas onde interagem vidas de uma população simples.

O facto de não existir grande tráfego automóvel torna a rua num espaço de sociabilidade. O bairro não serve de passagem e a estrada, não é alcatroada permitindo uma certa equidade entre o espaço pedonal e a zona de circulação automóvel. As casas do bairro são na maioria pequenas e de fracas condições, os espaços comerciais, como os cafés, são ponto de encontro frequente no bairro. Existem dois casos de grande afluência, um restaurante e um café pertencente à Comissão de moradores, são esses os locais onde a população se encontra e convive.

A Cova do Vapor é um bairro com algumas particularidades na sua história. Esse facto, determinou e influenciou a sua identidade. A criação da comissão de moradores e as lutas pela manutenção do bairro são bons exemplos. No entanto, julgo existirem algumas questões importantes de referir na identidade deste local. Sendo um bairro que se confunde com um aldeamento turístico, remete para uma divisão de habitantes claramente distinta, os habitantes permanentes e os habitantes de veraneio. O

sentimento vivido e a identidade de bairro são distintos. Essa divisão tende a desaparecer quando o local é confrontado com questões exteriores, por exemplo, situações envolvendo outros bairros. No entanto, essa divisão torna-se evidente em situações internas do bairro, como por exemplo, nos locais de estacionamento automóvel. No fundo, talvez se pudesse afirmar que a identidade se reveste de diversos níveis e que, consoante a situação, se exterioriza de diferentes formas.

Em suma, as questões ligadas à identidade local, à identidade colectiva e à pertença territorial, adquirem diferentes formas consoante o grupo populacional. No entanto de um modo geral, as fronteiras facilmente desaparecem emergindo uma identidade colectiva, em que a pertença territorial é o factor mais evidente.

Para finalizar, uma palavra sobre a identidade cultural e o forte carisma *popular* da sua população. Ao contrário do que acontece em alguns locais na margem sul do Tejo, a Cova do Vapor, nasce em grande parte por influência das pessoas da cidade de Lisboa, as suas primeiras gentes provém da cidade, principalmente dos bairros históricos e mais desfavorecidos. As características culturais vividas foram transportadas criando representações cognitivas que identificam os bairros populares. As casas de fado, na altura existentes no bairro, as festas de verão e os assadores a carvão à porta, são alguns dos exemplos.

Para finalizar este enquadramento teórico, gostaria ainda de referir um conceito importante e que de alguma forma influencia o nome atribuído ao bairro e a sua subsequente estigmatização. Numa análise semântica sem aprofundamento ao nome do Bairro, é fácil aquilatar que “Cova” é uma concavidade pré-existente ou feita pelo homem onde a entrada de luz é mais difícil. É também o local onde são enterrados os mortos. Já a palavra “Vapor” tem subjacente a queima de algo e a evaporação. As duas palavras juntas, que dão nome ao local possuem características estigmatizantes que cresceram com o aparecimento do bairro, seja pela analogia que se faça relativa a outros bairros ou até pela intuição, uma vez que, ambas as palavras remetem para um contexto de “morte” e geograficamente, trata-se de um local isolado e problemático desde a sua implantação.

Na Cova do Vapor, à primeira vista, encontramos algumas semelhanças com os bairros problemáticos existentes. Desde logo, a sua desorganização habitacional com becos e ruelas, rapidamente gera um estigma, que a população tenta desmitificar, mas que ao mesmo tempo, lhes é útil, principalmente em termos de segurança. O bairro vizinho, conhecido como 2º Torrão, embora tenha semelhanças físicas, é completamente diferente em termos sociais. É um bairro de imigrantes oriundos dos PALOP e com alguns problemas sociais. No entanto, os roubos e assaltos são praticamente inexistentes na Cova do Vapor. Tal como me relatava um habitante, *«a malta do Torrão, não vêm para aqui roubar, têm medo, temos que lhes impor respeito»*.

Um estudo exploratório

A ciência é *«uma representação intelectualmente construída da realidade»* (Silva 1999). Procura explicações de forma a compreender do mundo que nos rodeia. Assim, cada investigação, carece de um objecto de estudo e neste caso o principal objectivo, é tentar perceber o funcionamento e a dinâmica social de um bairro periférico de Lisboa, caracterizado essencialmente por uma aparente desorganização física. Sendo um bairro caracterizado por uma malha de construções complexas e habitado por pessoas com diversos interesses e origens, tomei como ponto de partida, e como questão inicial, o entendimento dos elementos que asseguram a coesão social no bairro.

A problemática levantada para este exercício, não pretende suscitar uma mudança social, ao contrário do que é pedido numa sociologia da acção. Este meu trabalho exploratório pretende ser um exercício de diagnóstico, tentando acrescentar algo ao conhecimento e à teoria social sobre bairros e sobre modos de vida urbanos. Reservo no entanto, para a última parte da dissertação, algumas considerações, relativas aos projectos sociais previstos a aplicar na zona.

O facto de que nada foi feito neste local, a este nível, tornou este exercício mais estimulante, mas ao mesmo tempo mais difícil. Limitar e circunscrever demasiado o objectivo e o objecto de estudo iria certamente limitar futuros trabalhos a elaborar no

local. Serve assim esta primeira abordagem a este bairro como um desbravar de caminho aos futuros exercícios que este trabalho exploratório poderá vir a proporcionar.

2. METODOLOGIA

O trabalho de campo

Face ao proposto para esta dissertação, o método aplicado teria que passar essencialmente pelo trabalho de campo, com observação participante.

Se o conhecimento exterior do bairro é, de alguma forma, evidente numa observação superficial, já o conhecimento da sua dinâmica e dos seus intervenientes só seria possível através de um método participante.

O bairro não me era desconhecido, os meus pais conheciam o local, e desde a minha adolescência que mantêm uma habitação de veraneio para férias no verão. Aproveitando este facto, tomei a liberdade de mudar de residência para que pudesse acompanhar a vida do bairro mais de perto². Assim, estando em permanência efectiva no bairro, foi mais fácil o seu estudo. A ida ao café diariamente e uns dedos de conversa, passaram a ser material etnográfico que ia sendo registado num caderno de campo.

Muita informação relativa a algumas famílias e pessoas, foram recolhidas através de informantes. Pessoas que sempre viveram no bairro e têm algum conhecimento sobre as vidas de quem cá habita permanentemente.

O trabalho de campo, embora moroso teve a ajuda de uma relativa familiaridade do local, que espero não perturbar qualquer análise científica do mesmo. Embora esteja presente o perigo do etnocentrismo na investigação, julgo, que não seria possível de outro modo obter tanta informação, se não através de forma presencial e constante no local.

² Para a elaboração desta tese de Mestrado iniciei a minha residência a tempo inteiro no bairro desde Outubro de 2009 a Agosto de 2010.

Pesquisa documental

Embora não houvesse estudos sobre este bairro, existia bastante informação espalhada um pouco por toda a parte, principalmente em jornais. Assim, para além da presença no terreno, foi também importante a recolha em vários locais de artigos e informações sobre a Cova do Vapor. Uma das fontes importantes de documentação estava na sede da Associação de Moradores. Apesar de nada estar organizado tive a oportunidade de consultar (e até de arrumar!) grande parte da informação relativa ao bairro. Foi possível também recolher alguns trabalhos televisivos sobre o bairro, bem como material fornecido pela Junta de Freguesia local.

Inquérito

Foi também elaborado, em conjunto com a Comissão de Moradores um pequeno questionário (Figura 1.2) com o intuito de contabilizar informação sobre o número de habitantes (fixos e sazonais), assim como outros elementos sócio-demográficos.

Entrevistas

Ao longo da investigação fui realizando algumas entrevistas mais formais, dado que informalmente, foram imensos os contactos e conversas com os moradores do bairro, como resultado de uma observação participante. Destaco duas que foram essenciais, ao Presidente da Associação de Moradores e ao Presidente da Junta de Freguesia da Trafaria. As entrevistas foram abertas mas, tiveram uma linha orientadora em cada um dos entrevistados. Assim, no primeiro caso, importava saber origens, história e problemas vividos pela comunidade. No segundo caso, importava saber os dados estatísticos e geográficos relativos ao local e também perceber a posição política perspectivada pelo Município.

3. CARACTERIZAÇÃO GERAL DO BAIRRO

Física

O bairro que é objecto de estudo chama-se Cova do Vapor, nome que não encontra consenso face à sua origem e que goza de alguma impopularidade fora da zona. Na realidade, não se trata propriamente de um bairro, na sua vertente mais clássica, mas sim de um pequeno aldeamento à beira-mar. (Figura 14.3)

O local é também conhecido como, *Bico da Areia* (ou até *Lisboa-Praia*³), pois em tempos anteriores, era neste local que se situava uma língua de areia, provocada pelo assoreamento da foz do rio Tejo, provocando durante as marés baixas um extenso areal. (Figura 2.3)

O nome, Cova do Vapor, segundo comprova também alguns relatos da imprensa dos anos 40 (Figura 6.3), surge pela junção de dois factores. Por um lado, o *Vapor* dos barcos que na altura faziam a travessia do Tejo e que, durante a época balnear, atracavam na zona. Por outro a *Cova*, provocada pelas dragagens de areia que foi sendo retirada do local criando na zona de maior profundidade à beira-mar.

A Cova do Vapor é um povoado da freguesia da Trafaria, no concelho de Almada e situa-se na ponta mais a norte, e mais a oeste da península de Setúbal. Local, onde se dá a junção entre o rio e o oceano, na foz do rio Tejo (Figura 4.3). Para sul fica a Costa da Caparica e para este a Vila da Trafaria.

O acesso à povoação faz-se apenas por uma única estrada junto à foz do rio, que rompe a Mata de S. João da Caparica que a envolve, e que a separa do bairro mais próximo. (Figura 5.3)

Os transportes públicos são poucos. Existe apenas uma carreira da *Transportes Sul do Tejo* que duas vezes por dia no seu percurso regular, Trafaria – Costa da Caparica, faz um desvio para servir a povoação de manhã e ao final do dia.

³ *Lisboa-Praia* era a designação que aparecia nos transportes fluviais que transportavam as pessoas de Lisboa até este local que abrangia a actual Praia de S. João da Caparica

Dado que a localidade se encontra num cotovelo, tem apenas uma entrada e uma saída. Lá dentro, a estrada não é alcatroada, e apenas permite circular em volta do bairro num único sentido. Existem apenas duas ruas transitáveis por viatura num único sentido (Figura 5.3). Todas as restantes ruas e vielas, são de acesso pedonal e labiríntico, sem qualquer organização. (Figura 13.3)

As habitações são essencialmente térreas, ou em alguns casos de dois pisos, na sua maioria de madeira. Existem cerca de 300 habitações espalhadas por uma área que não ultrapassa os 44000 m², o equivalente a 4 campos de Futebol.

Dado a sua localização à beira-mar e o seu ar pitoresco, a Cova do Vapor já foi palco de alguns trabalhos artísticos e não só. Foi cenário de um filme português⁴ e também de algumas cenas de telenovelas nacionais⁵. Foram feitas também reportagens televisivas⁶ e também um pequeno filme de um grupo de estudantes⁷

Para além do interesse mais pitoresco, a Cova do Vapor surge como notícia nos jornais normalmente face a dois temas. Por um lado o avanço do mar e o perigo das casas serem afectadas. Por outro lado, os projectos de desenvolvimento para o local e o medo de um futuro realojamento. São estas as notícias, e são estas também as preocupações mais imediatas que a população vive diariamente.

Enquadramento histórico e político

Essencialmente a Cova do Vapor emerge devido a um único factor, o crescente interesse como zona balnear, e que teve uma maior massificação a partir da década de 30 do século XX. Claro está que, a facilidade na construção de casas e o surgimento de um porto de atracagem de barcos permitiu durante os anos 40 e 50, que se juntasse à meia

⁴ Filme *América*, longa-metragem de 2009, realizado por João Nuno Pinto com a participação de Raul Solnado.

⁵ Telenovela *Anjo Selvagem*, produção nacional para a TVI em 2001

⁶ Recolhi 2 trabalhos: Uma Reportagem de cariz histórico-cultural no programa GL, da RTP1 de 1995. Outra acerca da Arquitectura caseira, no programa Artes da RTP2 de 1990.

⁷ Anon: Trabalho grupo alunos em 2008

dúzia de habitações de pescadores⁸, um número considerável de habitações para veraneio nos meses de verão.

No início do século XX, a margem sul do Tejo tinha apenas alguns pólos de desenvolvimento, como é o caso de Almada ou do Barreiro. Tudo o resto, limitava-se a pequenos aldeamentos que viviam essencialmente da pesca. A zona da Cova do Vapor tinha uma configuração física bem diferente do que apresenta hoje (Figura 3.3), o assoreamento da foz do rio tornou o local com enormes planícies de areal e dunas. As primeiras casas existentes na zona, eram essencialmente barracas de madeira construídas sobre estacas nos extensos areais que davam abrigo aos pescadores da zona. Situação que se verificou um pouco por todo o país na época.

No entanto, após a década de 30 do século XX desperta o interesse pela praia. A população lisboeta mais carecida economicamente, encontraram neste local da margem sul um local ideal para passar um dia de lazer, principalmente, com a questão da travessia assegurada. (Figura 6.3)

O nivelamento do assoreamento do rio Tejo, em algumas zonas nessa altura, permitiu com maior facilidade a criação de um porto para atracagem de embarcações. Surgem assim, várias empresas, de capitais particulares, que asseguravam um serviço regular de travessia para a margem sul do Tejo. Uma dessas empresas, a *Parceria dos Vapores Lisbonenses*⁹, para além da travessia regular, começou também, durante a época balnear a realizar travessias directamente para aquilo que na altura se chamava *Lisboa-Praia*, e que correspondia ao que são actualmente as praias da Cova do Vapor e de São João da Caparica.

Assim, para além das travessias que já se realizavam em finais do século XIX, foi acrescentado no início do século XX e até ao ano de 1969, um porto de desembarque na Cova do Vapor, com o objectivo de transportar as pessoas que vinham a banhos para o

⁸ Desde o início do Século XX que o local é povoado por pescadores alguns deles habitantes de vilas vizinhas como é o caso da Trafaria, que iniciaram o povoamento da zona com barracas de madeira de apoio à pesca, e mais tarde, como habitação permanente.

⁹ A Empresa *Parceria de Vapores Lisbonenses* conseguiu assegurar o funcionamento de algumas carreiras em barcos a vapor para o transporte de passageiros e mercadorias de Lisboa para Paço de Arcos, Belém e Cacilhas. A firma dominou os transportes fluviais a vapor no Tejo em toda a segunda metade do século, assegurando a exclusividade no transporte para Cacilhas. A partir daqui as pessoas deslocavam-se para Almada e outras povoações em burros ou trens especialmente fretados para o efeito, os *chars-à-bancs*. Mas tarde durante o Estado-Novo as diversas empresas de travessia do Tejo foram nacionalizadas e juntas numa única, a actual *Transtejo*. (Loureiro 1965)

local. É recordado por alguns locais, o nome do último barco a Vapor (*O Flecha*), que ligava o Cais do Sodré à Cova do Vapor.

Assim, com a travessia, surgiram alguns pedidos às autoridades para a construção de habitação no local, semelhantes às existentes dos pescadores, mas para veraneio.

Segundo documentos oficiais da época¹⁰, o processo passava (ou deveria passar!) por um pedido ao Governo Militar de Lisboa para a construção de uma barraca de madeira. O processo era acompanhado com uma planta da construção. Mais tarde, com a autorização concedida era assinado, em presença de notário, um contrato entre o requerente e o Quartel-general. Após a construção, a delegação marítima da Trafaria confirmava e conferia a referida construção. Daqui para a frente, era apenas necessário comunicar qualquer alteração em termos de passagem de proprietário da *barraca*, e de pagar, de dois em dois anos, uma renovação da licença de construção.

Na época uma das pessoas que ajudou no rápido desenvolvimento da Cova do Vapor foi o Almirante Henrique Tenreiro, que chefiava a Junta Autónoma da Casa dos Pescadores, e que na altura, era quem tinha poder de atribuição de construções na zona e a gestão do local.

Em suma, a Cova do Vapor teve um início e uma historia muita idêntica ao que se passou em algumas localidades do litoral português. Exemplos disso são os casos da Costa Nova e da Praia da Vieira, em Leiria (embora estes locais se diferenciasssem pela pesca da Arte xávega).

A partir dos anos 50, a Cova do Vapor, começou a crescer em número de habitações. Das muito poucas dezenas até aos anos 60, passou às três centenas, até à revolução de Abril de 1974, data pela qual estabilizou completamente o número de habitações. Actualmente, esse número mantém-se, e segundo os dados da Comissão de Moradores, não foram construídas novas habitações desde essa altura. As explicações para tal prendem-se às novas políticas de gestão do território marítimo, e também, ao maior controlo do espaço pelas entidades que gerem a Mata de S. João da Caparica.

¹⁰ Durante a década de 40 do século XX, dado que o pedido mais antigo encontrado data de 1941.

A Cova do Vapor, tal como referi anteriormente, é notícia devido também às investidas do mar, que provocam na população, nos meses de Inverno, um certo receio generalizado. A razão inicial de tudo isto tem explicação recuando à história geográfica do local. Esta zona do litoral tem sofrido, ao longo dos anos, bastantes alterações físicas, principalmente, devido à movimentação de areias do litoral, que de forma natural ou através de acção do homem, tem provocado sérias alterações nesta zona de costa.

Segundo alguns relatos dos anos 50, na zona da Cova do Vapor, existia uma extensão de areia com cerca de seis quilómetros formando um bico, que muito se aproximava do Forte S. Lourenço, situado na foz do rio Tejo. Esse extenso areal formava uma enorme praia onde foram construídas as primeiras barracas. A erosão dos tempos e principalmente a acção do homem fez com que a areia que formava aquela zona, fosse desaparecendo e sendo utilizada na construção do cais do Poço do Bispo e de Xabregas. Mais tarde, a Praia do Tamariz e a Baía de Cascais, foram também atulhadas com o areal da Cova do Vapor, que era dragado pela empresa *Hersent* pertencente à *Parceria dos Vapores Lisbonenses*. Desta forma, o mar, sem qualquer barreira, rapidamente fez correr várias notícias das investidas do mar por terra dentro. A população só tinha assim uma solução, mover as casas para outro local.

Mais tarde, por volta dos anos 70, o campismo selvagem levava várias famílias a montarem, em terrenos da Mata circundante, as suas tendas de campismo, permitindo um maior crescimento, principalmente, do comércio local. Foram nascendo assim vários estabelecimentos desde padaria, cafés, restaurantes e até, casas de Fado. Por volta dos anos 90, os proprietários da Mata de São João da Caparica¹¹ vedaram a zona e o campismo foi proibido.

Actualmente, o panorama legal e institucional sob o qual a Cova do Vapor vive é complexo e talvez isso dificulte ainda mais, o seu futuro. As casas são catalogadas, como referi anteriormente, como construções clandestinas. No entanto a realidade é um pouco mais complexa. Se a definição de habitação clandestina pressupõe que estas

¹¹ A Mata de S. João da Caparica faz hoje parte duma área protegida onde anteriormente estava instalada a Fabrica de Explosivos da Trafaria desactivada à mais de três décadas. Segundo informações recolhidas na Comissão de Moradores, a entidade privada dona dos terrenos não exige a devolução da área ocupada nem assume qualquer responsabilidade no bairro deixando o assunto à mercê do município de Almada.

construções foram feitas sem autorização legal e, neste caso municipal, a Cova do Vapor não se enquadra neste parâmetro legal, uma vez que, a maioria, senão a totalidade das habitações, foram criadas com autorização, não municipal é certo, mas estatal, ou seja, por uma entidade competente e juridicamente dependente do Estado português que controlava esta região litoral. No entanto, é sabido que ainda hoje, há um vasto número de competências relacionadas com a orla costeira portuguesa, cujas competências estão adstritas a diversos organismos do Estado. Soma ao atrás referido que a proximidade ao mar faz com que parte dos terrenos ocupados pelo bairro seja propriedade do estado e não passíveis de imediato a processos de urbanização. Em suma, dizer-se clandestino não é totalmente verdade pois existiram autorizações da sua construção que foram taxadas pelo estado. Actualmente os usufrutuários dessas habitações, cujo licenciamento foi autorizado e pago ao estado português, continuam a pagar aquele que se chama “imposto municipal sobre imóveis”. É tida pelos habitantes da Cova do Vapor, a certeza de que os seus imóveis estão enquadrados num panorama de habitações simples e em zona não urbanizada, mas cuja solução e enquadramento legal pode vir a existir se a vontade política municipal e nacional assim o venham a permitir.

É o município de Almada que actualmente controla o tecido habitacional e efectua a regulação do crescimento ilegal da Cova do Vapor. Assim, não são permitidas quaisquer alterações às habitações existentes, nem a construção de novas. O terreno que ocupa actualmente o bairro divide-se legalmente em dois. Uma parte estatal, da responsabilidade da APL¹² (dado que se encontra a menos de 50 metros do mar) onde se encontram as primeiras construções. Uma segunda parte, de construção mais recente, encontra-se em terrenos privados pertencentes à mata de S. João Caparica que pertence ao domínio privado. Não existe saneamento básico de rede, ou seja, cada habitação possui uma fossa séptica, que foi construída pelo proprietário, a electricidade chegou ao bairro em 1983 e os custos da sua electrificação foram pagos pelos próprios moradores. No que concerne à água canalizada, ao telefone, à internet nesta espécie de *Algarve dos*

¹² Administração do Porto de Lisboa

*pobres*¹³ podemos considerar que há um funcionamento similar aos demais locais do país.

São várias as notícias, acerca de projectos idealizados para o local, mas até agora, nada de concreto se tem feito para mudar a Cova do Vapor. A comissão de moradores, criada em 1976, tem tido um papel activo perante o município de Almada, na defesa dos interesses dos moradores e do local que reclamam ser histórico.

As casas

Em termos de construção, as casas do bairro, pertencem na sua origem ao tipo de construção de planta quadricular inteiramente em matérias vegetais do género de cobertura e paredes diferenciadas. Acerca deste tipo de habitação, o autor Ernesto Oliveira, elabora um livro dedicado aos Palheiros do Litoral Português, onde aborda numa perspectiva mais remota, as construções que povoaram de uma forma geral o País. Estes *palheiros* ou *barracos*, tiveram a sua origem em versões primitivas do género de cobertura e paredes de matérias locais, como o estorno. Devido à sua estrutura simples e ordenamento interior, são comparáveis às observadas ao longo da costa mediterrânea e do adriático.

Em Portugal, por volta do Século XVII surgem com maior expressão no sul, e mais tarde, ao longo da costa central. Essencialmente as construções no litoral, independentemente do tipo, eram abrigos simples para pescadores, algumas de apoio à pesca, outras para habitação.

As habitações eram construídas em madeira de pinho, pois era o material mais acessível e resistente ao mar. No início do século XX, as casas são melhoradas e passam de um revestimento horizontal, para vertical, símbolo de maior reforço, onde surgem também com mais pisos. Nos telhados o *estorno* é substituído pela telha de *Marselha*. Em Esmoriz e Cortegaça, os palheiros começaram a ser mais apelativos aos banhistas de

¹³ Expressão usada em artigo de Diário de Notícias, 14 de Agosto de 2000.

verão. Na Costa Nova (Figura 8.3), as construções de vários pisos são aproveitadas para o aluguer.

Considerando que pesca, não era uma actividade que representasse uma ocupação laboral anual, este tipo de habitações serviam para ocupação sazonal, uma vez que, também a pesca era se traduzia no mesmo tipo de ocupação. Fora da época de pesca, os *caramelos*¹⁴, voltavam à vida rural. Mais tarde, com a crescente procura por zonas de lazer à beira-mar e com o interesse pela praia, estes locais, outrora povoados apenas por pescadores, deram origem a bairros e aldeamentos turísticos, muito mais apelativos do que então.

As casas da Cova do Vapor fazem parte do tipo de construção que se utilizava nestes locais, ou seja, eram casas essencialmente de madeira. No entanto, muitas foram alvo de alterações e mudanças criadas pelos seus proprietários que com recurso a uma arquitectura caseira tornaram as habitações mais a seu gosto e, por outro lado, mais robustas perante a adversidade da salinidade e dos rigores do inverno junto ao mar. Noutros casos as alterações foram apenas de manutenção e como tal podemos identificar o traçado original que as caracterizava em algumas delas. (Figuras 9.3 e 10.3)

Com a criação das muralhas de pedra à beira-mar, que pôs fim à movimentação das casas, foi possível à população substituir por exemplo, as estacas de madeira, que as sustentava, por uma base em cimento ou até de refazer a casa totalmente em tijolo.

São vários os exemplos no bairro de alterações e acrescentos às construções iniciais. Assim sendo, o bairro foi se tornando mais urbano, vítima de uma arquitectura caseira dos seus moradores, sem nunca perder os seus traços mais coloridos. (Figura 11.3) Aliás, a arquitectura caseira é um traço que se encontra em qualquer parte do bairro (Figura 11.3) dado o seu carácter simples, permitiu aos seus moradores dar asas à imaginação na remodelação das suas habitações, onde cada centímetro é aproveitado.

A questão do espaço tem grande importância. As movimentações de areia nesta ponta da península provocaram uma grande instabilidade nos terrenos, ao longo destes últimos sessenta anos. Portugal perdeu aqui, cerca de seis quilómetros de costa, numa língua de areia que agora já não existe. O bairro cresceu nesse extenso areal, num local que agora

¹⁴ Alcinha atribuídas as pessoas oriundas do interior e que sazonalmente vinham para a pesca na orla costeira.

pertence ao mar. Criou-se uma comunidade, sem ter propriamente um espaço concreto e definido. Para perpetuar a sua existência, foi necessário mover casa a casa. Assim sendo, através da ajuda de animais e tractores eram colocados troncos na base das casas, transportando-as para local mais seguro. (Figura 7.3) Mais tarde, em 1968 foi construída a muralha de pedra e os pontões que sustentam a invasão do mar, e o bairro pode finalmente ganhar raízes. O problema estava agora na falta de espaço, pois a Mata de S. João da Caparica era o limite fronteiro. Na época, a solução passou pela ocupação de terreno à Mata, para isso a população falava com o guarda da Mata¹⁵ para que ele pedisse aos proprietários uma autorização da ocupação dos terrenos.

Desta forma, ao longo dos anos, nos poucos espaços disponíveis entre as casas e os quintais, ia crescendo mais um *barraco* ao ponto de criar assim este carácter labiríntico.

Consequentemente, deu-se outro dado curioso, a numeração das casas. Cada habitação é numerada consoante a data de construção (Figura 12.3), mas com a movimentação das casas a desordem instalou-se. Ao lado da casa número 20, poderá não estar a 21, e assim sucessivamente! No entanto, é possível identificar núcleos de habitações mais recentes ou mais antigos. O núcleo mais antigo de casas encontra-se junto à baía dos barcos, precisamente, onde residem os pescadores, seus primeiros habitantes. As mais recentes, estão na fronteira com a Mata São João Caparica.

Outra particularidade está nas ruas e vielas. Embora aparentemente sejam meros espaços labirínticos entre as casas, na realidade, nenhuma viela é um beco sem saída, todos os caminhos convergem para a rua principal e todos eles têm nome. Dado que o bairro cresceu com o empenho de todos os habitantes, as ruas foram baptizadas com nomes de personalidades influentes e importantes para a comunidade¹⁶. Noutras ruas o seu baptismo nasce de uma certa ironia em tom de brincadeira. Por exemplo, a 5ª *Avenida*, alusivo à existente nos EUA, ou a *Avenida dos Milionários*.

O bairro no verão ganha outra vida. A juntar aos habitantes permanentes, aparecem os que têm no local uma casa apenas para a época balnear. Para além desses, juntam-se outros que vêm de toalha na mão para a praia. O verão leva muita gente a procurar

¹⁵ *Zé da Mata* foi a alcunha atribuída. Actualmente o seu filho, pessoa de meia-idade, reside no bairro, herdando também a alcunha.

¹⁶ Por exemplo: Rua Fernando Gouveia; Rua Dias Mourinha; Parque Infantil Beatriz Ferreira.

habitação no local, seja para aquisição, seja para aluguer de férias e há mesmo quem se dedique a alugar as suas casas a veraneantes para a praia. Segundo consegui saber, o valor desses alugueres poderá ir de 500 a 1000 euros por mês, um valor que encontra justificação devido aos acessos próximos à praia.

As pessoas

Enquadrar o tipo de pessoas do bairro não é tarefa fácil, dado que não apresentam uma homogeneidade social. Parte do problema está no facto de ser um bairro onde existem bastantes casas de segunda habitação, onde se torna difícil reunir informação. Outro dado importante é o facto de que as casas do bairro, normalmente, são passadas de geração em geração, com vários casos de habitações que já pertenciam aos pais ou aos avós. Contribui para isso, o seu carácter clandestino onde a venda não é admitida¹⁷. No entanto tentei de alguma forma obter algumas respostas de forma a construir alguma conclusão ou regularidade.

A metodologia aplicada acabou por resultar em duas vertentes, a qualitativa e a quantitativa. Primeiramente, e com o apoio da Comissão de Moradores, foi criado um simples inquérito que tinha como principal objectivo, reunir quantitativamente informação relativa ao numero de moradores fixos e sazonais. Informação que foi trabalhada e apresentada em quadro anexo (Figura 17.3). Apesar de infelizmente não representar a totalidade dos factos, dado que apenas consegui inquirir cerca de 60 pessoas, ainda assim, será uma amostra que representará, segundo a Comissão de moradores cerca de 15 % do total habitacional do bairro. Mais tarde e de forma mais qualitativa considerei importante recolher informação por outras vias, principalmente, de informantes, que conhecendo quase casa a casa, foram-me descrevendo aspectos relativos à população, podendo assim, traçar um perfil social do bairro.

¹⁷ Segundo informações da Comissão de Moradores a venda das habitações não é permitida, pelo menos do ponto de vista legal, no entanto e para efeitos formais a passagem de proprietário são feitas através de uma carta de cedência.

Por minha inépcia não consegui encontrar melhor forma de sumariar os resultados do terreno, sem ser por uma avaliação geracional e familiar. Assumindo a família como um conjunto constituído pelos graus de parentesco mais próximos. (avós, pais e netos)

Dada a formação e crescimento da Cova do Vapor nos anos 40 e 50, poderíamos destacar 3 grupos geracionais, os habitantes mais antigos, pessoas que se situam numa faixa etária dos 70/80 anos. Uma segunda geração, com idades compreendidas entre os 40/50 anos, e uma terceira de pessoas entre os 20/30 anos.

O primeiro grupo é constituído por pessoas que estão ligadas ao crescimento e formação do bairro, muitos deles, construtores das suas próprias habitações. O segundo grupo, pessoas que herdaram habitações, ou então, que adquiriram habitações devido à proibição do campismo selvagem que se praticava na zona. Por fim, uma terceira geração constituída principalmente pelos filhos ou netos, de quem já permanecia no local. Em suma, uma ocupação quase que hereditária das habitações.

Este enquadramento mais geral é fundamentado em parte por dois factores. Por um lado, a estagnação de novas construções desde os anos 70, por outro, as constantes notícias que indiciam a demolição do bairro, afastando assim interesse em “compra ou venda” de habitações.

Outro dado interessante é o facto de não existir na população qualquer outra raça, que não seja branca, e não fora os 4 casos de famílias estrangeiras residentes, toda a população é de naturalidade portuguesa.

Para além da vertente geracional, dividi a sua análise populacional em dois tipos de habitantes: os fixos e os sazonais, devido ao facto de existirem muitas segundas habitações.

Dentro dos habitantes fixos, podemos encontrar vários cenários, mas gostaria de destacar aqui, o pequeno grupo de pessoas que sempre habitou no bairro. Ao invés daqueles que a determinada altura da sua vida, se tornaram habitantes fixos.

Dos exemplos importantes de abordar, está o caso das famílias Silva e Alves. Enquadrada na primeira geração de pessoas com origens na zona (Trafaria), ligadas às actividades piscatórias, criaram aqui as suas habitações, onde nasceram, os seus filhos e

netos. No primeiro caso, 7 filhos e 11 netos, no segundo, 4 filhos e 9 netos. Estes núcleos familiares situam-se na zona mais antiga do bairro, a Zona da Baía.

Tirando esse núcleo que vive fundamentalmente da pesca e da construção civil, a localização dos restantes habitantes fixos são díspares, e o enquadramento social é bastante diferente. Como o caso dos habitantes que exploram o comércio da zona. A família Martins, por exemplo, constituída por 12 elementos, tem origem transmontana e na década de 80 instalaram-se de vez no bairro, explorando um dos restaurantes aqui existentes.

Podemos, pois, dividir os habitantes fixos da Cova do Vapor, em diferentes grupos. O grupo dos habitantes mais antigos da zona da Baía, constituído por famílias com origens no local e ligadas às actividades piscatórias; o grupo dos habitantes que têm comércio na zona; o grupo dos habitantes que após uma vida activa mudaram a sua residência para a Cova do Vapor (sendo que já tinham casas de veraneio no local) e por fim, o grupo dos habitantes mais novos, constituídos por pessoas jovens que vêm na cova do vapor uma habitação simples, perto do mar e barata! Este é, de grosso modo, o perfil dos habitantes fixos da Cova do Vapor e que segundo a Comissão de Moradores não atingirá as 200 pessoas.

No que toca à população de habitantes sazonais é difícil de avaliar quem são e o que são, mas consta-se que andarão à volta de 200 pessoas, avaliando pela ocupação das casas.

Fazendo uma apreciação com o apoio de quem conhece bem o local, destaco dois aspectos importantes. Por um lado, são pessoas de recursos económicos baixos, mas na maioria pertencente a uma classe média trabalhadora em vários serviços não qualificados. Por outro lado, a sua maioria é oriunda de Lisboa, principalmente dos bairros históricos.

Do ponto de vista geracional, existe uma forte percentagem de pessoas idosas já reformadas da vida activa a habitar sazonalmente o bairro. Destaque também uma segunda geração de pessoas, ainda activa profissionalmente, que motivados pela abolição do campismo selvagem, conseguiram adquirir uma habitação de veraneio, na maioria, através de familiares.

Um exemplo a reter, é o caso da habitação nº 87, um caso típico dos muitos existentes. Pertencente à família Simões, oriunda da Graça, construiu em 1963 a sua habitação. Mais tarde, o filho, faz um alargamento da habitação que permitiu que o pai, já reformado se mantivesse sazonalmente no bairro, sem colidir com o espaço do filho e dos netos, que vinham no verão. Surge depois interesse pelo neto, em habitar permanentemente a habitação que o avô construiu, e que o pai utilizava no verão.

Um outro exemplo de habitantes no bairro é o caso da família Amaro. Neste caso, constituída apenas por uma segunda geração de veraneantes praticantes do campismo selvagem. Em 1987, um dos 4 irmãos adquire uma habitação de veraneio, mais tarde, seguem-se os restantes, recentemente um deles passou de veraneante, a habitante fixo.

Em suma, encontramos entre os habitantes da Cova do Vapor pessoas com vidas e interesses bem diversos. Desde já, a grande faixa de idosos no local. O fim da vida activa permitiu estar mais tempo neste local, que se encontra isolado de serviços e transportes, mas próximo do mar. Outro aspecto é o facto de existir um grande número de famílias oriundas de Lisboa de bairros como a Mouraria, Olivais, Alcântara e Campolide. Por fim uma referencia também ao contexto económico da população, essencialmente oriundos de uma classe média-baixa de poucos recursos financeiros.

4. POR UMA ETNOGRAFIA DE BAIRRO

Caracterizar o bairro, de um ponto de vista etnográfico é o objectivo desde capítulo que se divide em sete rubricas. Inicio o capítulo abordando a rua e as relações de vizinhança, que denomino como uma cultura de portas abertas, um termo que dado as características do bairro se enquadra perfeitamente. Adiante refiro as colectividades e os espaços de sociabilidade. Depois, o tempo cíclico do bairro, a questão da sazonalidade, dado que é um bairro à beira-mar com praias e nesse sentido, para além de um local de habitação, é também um local de lazer. Sucessivamente, as actividades que a maioria da população se dedica e os seus estilos de vida, condicionados e adaptado ao meio envolvente. Por fim, nas duas últimas partes, desenvolvo a ideia de o local poder-se conotar como uma extensão de Lisboa, devido a algumas características que o aproximam da cidade, como

por exemplo a presença do *fado*. Finalmente a ultima parte dedicada à imagem exterior que o bairro suscita nas populações vizinhas.

Uma cultura de portas abertas

«É a rua à escala de quem a vive o que nos interessa descobrir, discutir e problematizar – a rua como lugar onde se fabricam interacções, onde se produz sociedade, a rua que tantas vezes se inventa para além do enquadramento urbanístico que a envolve e que assim nos surpreende» (Cordeiro & Vidal 2008)

A rua é de facto o espaço de eleição, permitindo encontrar uma multiplicidade de pontos de vista e de acções. É a partir da rua que é possível partir para uma exploração e conhecimento urbano mais directo.

A Cova do Vapor, embora com algumas particularidades, tem também na rua um forte sentido de sociabilidade. Rapidamente percebemos que é na Avenida António Martins Correia, a rua principal que atravessa o bairro, que se encontram as pessoas e também, os principais espaços de sociabilização. Nesta rua, encontramos dois aspectos físicos determinantes que justificam o seu movimento. Primeiro, é a única via de entrada no bairro por viatura, sendo a sua localização central para a população. É também um local abrigado, por entre as habitações, onde a aridez do vento e do mar não se fazem sentir, principalmente de Inverno. Segundo, é onde encontramos todos os espaços comerciais do bairro.

Existem no entanto factores que julgo aproximar as pessoas à rua. Um dos factores é o tipo de habitação. O facto de as casas serem térreas e assim mais acessíveis permitem uma maior proximidade à rua. A sua construção, mais elementar e de veraneio, não oferece um conforto que aprisione as pessoas em casa. Outro factor, é o tipo de actividades que o local estimula, actividades na sua maioria ao ar livre. Estes factores, julgo, contribuem para uma cultura de portas abertas, termo que melhor exemplifica esta convivência mais próxima da vizinhança e do espaço envolvente.

As relações de vizinhança no bairro são reforçadas pelo facto de o mesmo estar isolado das restantes urbanizações e também pela proximidade que as casas do bairro têm entre si, ou seja, esse isolamento físico, típico de uma aldeia do interior, aproximam as pessoas pelas suas necessidades de movimentação. É comum pedir-se ao vizinho, que tem viatura, que dê boleia, visto que o bairro não oferece todas as necessidades comerciais e de serviços. Outro factor, tem a ver com espaço, as casas do bairro estão fisicamente muito próximas e é difícil entrar ou sair sem que o vizinho note, existe sempre qualquer situação, nem que seja conflituosa, onde a relação se torna inevitável.

Para além destas características físicas, junta-se o facto da rede de vizinhança na Cova do Vapor, ser confundida com a rede familiar, ou seja, existe uma sobreposição entre a rede familiar e de vizinhança, pois o bairro contém bastantes famílias residentes com laços de parentesco. Este aspecto, perfaz uma complexidade de relações sociais nesta comunidade, que contribui para uma certa coesão e harmonia, uma vez que, para além dos laços familiares construídos, há uma vasta série de associações pessoais que foram crescendo, consubstanciadas na entajuda e cooperação em vários aspectos do quotidiano dos residentes na Cova do Vapor e nas vidas que levavam fora desta, ou seja, os relacionamentos mantêm-se, mesmo em alturas onde a residência no local não se verifica.

Paralelamente às redes internas criadas no bairro, importantes na sua coesão, como referi anteriormente, outras redes foram criadas com intuito de trabalhar para que o bairro permaneça vivo. Teria certamente de possuir mais tempo para estudo *in loco* e consequente envolvência com os seus habitantes para compreender como funciona o nível relacional destes com os poderes autárquicos. No entanto, parece-me que, sobretudo as pessoas mais idosas e assim, mais influentes pelo conhecimento pretérito do crescimento do bairro, mantêm junto da autarquia e até perto dos poderes políticos, com o objectivo de preservar o bairro imune aos propalados projectos de requalificação urbana que vão sendo ventilados aos ouvidos dos moradores.

Colectividades e Sociabilidades

Além da *rua* e das redes de vizinhança existem espaços de convívio. A Cova do Vapor possui cerca de 11 estabelecimentos públicos, mais especificamente: três cafés, uma mercearia, uma padaria, dois restaurantes, uma peixaria, um talho, uma colectividade e um bar junto à praia. Todos eles, à excepção deste último, situados na rua principal que circula o bairro. Em cada um dos espaços existe uma certa especificidade de pessoas que os povoam, principalmente nos cafés, mais pela influencia do proprietário do que pelo espaço em si.

O primeiro café que encontramos ao entrar no bairro, é o primeiro café a abrir portas de manhã. A razão disso está no facto de estar localizado na zona da Baía, local onde os pescadores bem cedo movimentam os tractores e o pescado. Assim, o *café do Condêncio*, como é apelidado, tem nos pescadores os seus clientes habituais. Para além dos pescadores, o café é também povoado pelas famílias residentes na Baía, principalmente, depois de jantar. Mais à frente vamos encontrar o *Quiosque da Belica*, um pequeno espaço que fornecia as revistas e os jornais e que rapidamente se transformou num pequeno café. O local vende também isco para a pesca, e isso aproximou mais os amantes da pesca desportiva ao espaço, que em certas alturas, funciona quase como um clube de pessoas da pesca desportiva.

Adiante encontramos o *café da Viúva*. Funcionando inicialmente como uma garagem, ganhou visibilidade pela venda dos gelados. O espaço actualmente é pouco frequentado, e não fora a venda dos gelados, o movimento é escasso. O café funciona no rés-do-chão de uma casa, no andar superior, vive a sua proprietária (viúva) juntamente com o filho.

Em frente está o restaurante *Bugio à Vista*, um espaço bastante grande e central, propriedade de dois irmãos já de avançada idade que resolveram alugar o espaço à exploração de um casal de jovens, filhos da terra, que tornaram o local mais frequentado. Funcionando grande parte como café, e pouco como restaurante, o espaço, por influência de quem o explora, é frequentado principalmente pelos jovens que aproveitam a sua esplanada no final da tarde.

Do outro lado da rua está o *restaurante do Chaves*. Aqui, o movimento é maior, quanto mais não seja pela presença da família do proprietário, uma pessoa de meia-idade oriunda de Trás-os-Montes e que vive permanentemente no bairro com a mulher e mais cinco familiares. O restaurante é conhecido nas redondezas e têm algum sucesso, mesmo de inverno.

Por fim resta-me abordar a colectividade pertencente à Comissão de moradores. Dividido por duas áreas distintas, um espaço coberto, onde funciona o café, e um espaço exterior, onde encontramos diariamente os idosos a jogar cartas. Neste espaço exterior, está também a funcionar, o talho, explorado por um habitante que não vive em permanência no bairro, e também um mercado, com bancadas para a venda do peixe, legumes e fruta. De referir que normalmente todos os estabelecimentos fecham tarde durante a época do verão, principalmente os cafés, que sendo locais de convívio, acabam sempre por alongar as horas de funcionamento, alterando assim, a fronteira entre a vida e privada e profissional de quem os explora.

São estes fundamentalmente os espaços colectivos de sociabilidade no bairro. Existem mais estabelecimentos comerciais, que embora não se destaquem socialmente dos restantes, são sempre espaços de interacção. Deles destaco a mercearia e a padaria. Estabelecimentos explorados por uma família importante na zona, constituída por um casal com dois filhos já adultos, todos ligados ao comércio. Tanto a padaria como a mercearia foram herança da geração anterior, o seu fundador, o *Manuel da Fruta*, como era conhecido, ajudou através do seu tractor a mover as casas nas alturas de intempéries.

Os adolescentes do bairro, não partilham dos mesmos locais de convívio. Das observações que fiz cheguei à conclusão que são eles quem mais apreciam a natureza do local. É comum encontra-los, em grupos pequenos, 5 ou 6 elementos, de várias idades, nas rochas de acesso à praia, no parque de merendas ou simplesmente, a «*fazer o oito*» que era como quem diz, dar a volta às ruas do bairro a pé.

Em suma, todos estes locais são espaços de convívio onde as pessoas se encontram e onde se encontra alguém. Todos eles estão situados ao longo da rua principal no lado mais a norte do bairro.

O tempo cíclico do bairro

A Cova do Vapor é um bairro que teve a sua origem não só nas actividades marítimas, mas fundamentalmente, como aldeamento turístico de uma classe média-baixa oriunda de Lisboa e arredores. Assim sendo, é por demais evidente a diferença sazonal na vida do bairro, marcada pelo Inverno e pelo Verão. O bairro é constituído por cerca de 300 habitações e mais de metade pertence a habitantes não permanentes. A diferença da estação altera completamente a vida do bairro, mesmo para quem o habita o ano inteiro.

A sazonalidade

A Cova do Vapor é marcada por uma dualidade Verão e Inverno. O tempo de Verão, poderíamos assim definir, como a altura do ano onde o bairro se enche de pessoas. Não existem propriamente datas ou épocas específicas, talvez o factor mais determinante são as condições climatéricas. Desde que exista um dia de sol bonito, seja numa simples tarde de Janeiro, ou num fim-de-semana em Agosto, o bairro regista uma maior vida. Os habitantes circulam mais na rua e os veraneantes acabam sempre por vir, como costumam dizer, «*nem que seja para arejar o barraco*».

O tempo de Inverno é o mais doloroso de viver no bairro, principalmente pela aridez que a zona provoca. Alguns habitantes não permanentes confessavam-me: «*vou-me embora para Lisboa, lá também chove, mas aqui nem se pode andar na rua, está muito agreste!*». É este o sentimento vivido por alguns habitantes e em parte, justificado por alguns factores naturais que tornam o local mais agressivo, como a chuva ou o vento. As casas são construídas com alguma simplicidade e não transmitem segurança, as ruas não são alcatroadas e com a água tornam-se lamacentas.

Mas o principal factor que influencia mentalmente os habitantes é o mar. No Inverno, torna-se mais agressivo, devido ao vento e as marés com ciclos de maiores alturas, provocando alguns espectáculos de força nos pontões e nas rochas que protegem o bairro. Nalguns Invernos mais rigorosos a população dorme em sobressalto com o medo de alguma investida do mar por terra a dentro, como variadíssimas vezes surgiu na história do local. No dia seguinte, a conversa no café é acerca do mar e fazem-se

prognósticos para as próximas marés. A juntar aos habitantes permanentes de Inverno, encontramos apenas os (verdadeiros) surfistas, pois é a melhor época de ondas.

O tempo de verão é totalmente oposto, o mar torna-se mais calmo, e assim regressam os habitantes não permanentes. Os primeiros a chegar são os reformados que a partir de meados de Abril e até Setembro trocam a sua habitação principal, pela de veraneio. Mais tarde, os restantes veraneantes, e em Agosto o bairro atinge o seu pico máximo de ocupação ganhando assim outra vida.

Os fins-de-semana

Paralelamente ao ciclo sazonal, parece existir também um ciclo semanal bastante evidente na vida social do bairro. No entanto aquilo que me chamou a atenção foi o modo como a população residente categoriza os restantes. Depois de me ter tornado habitante permanente no bairro diziam-me várias vezes no café: «*Então estás cá!?*» ou então «*até pra semana!*» mesmo que fosse lá todos os dias. Não adiantava, eu continuava a ser, para eles, um veraneante!

Constrói-se assim uma clara diferença da perspectiva que certos grupos têm do local. Por um lado os habitantes fixos, que permanecem um ciclo sazonal inteiro, por outro, os habitantes não fixos, que normalmente permanecem em épocas primaveris. Nestes últimos, denota-se um certo encantamento acerca do local, motivado em parte pelo ambiente exterior em época de verão, mas também, por conotarem o local como zona de lazer, alterando o olhar e a atitude comparadamente a quem lá permanece o ano inteiro. Esta minha conclusão, parte de uma observação que permitiu explorar um pouco mais esta ideia.

Deparei-me várias vezes em conversa com habitantes fixos, da seguinte afirmação: «*eles (habitantes não fixos) deviam era de cá estar de Inverno para ver como isto é*» É notório assim que existem diferentes perspectivas, parece inclusive existir, por parte dos habitantes fixos, uma sentimento de prioridade nas suas acções. É como se pudéssemos atribuir valor ao facto de permanecerem no bairro o ano inteiro, uma espécie de mais-valia ou de compensação, pelo tempo aqui passado ou sofrido. Julgo, que a razão de tal sentimento, se deva à aridez que a zona sofre no Inverno, vivência essa que carece de ser evidenciada por quem lá permanece o ano inteiro.

As actividades

Influenciado pela época, as actividades que se praticam no bairro são, na maioria actividades exteriores, principalmente marítimas, dada a proximidade do mar. Queria aqui destacar duas das mais socialmente importantes e influenciadoras do bairro.

Embora tenha sofrido um decréscimo de actividade principalmente na sua vertente profissional, a pesca continua a assumir uma grande importância no local. O porto de embarcações do bairro, localizado em águas mais calmas do rio (Figura 15.4) é muitas vezes usado por pescadores de outros locais, nomeadamente, das *Terras da Costa*¹⁸. Os pescadores do bairro são na maioria oriundos das duas famílias da zona da Baía e manobram com pequenas embarcações não superiores a dez metros. São cerca de 8 embarcações, com as exteriores no total chegam a uma média de 20.

Uma outra vertente da pesca, é a pesca desportiva à cana. O local dispõe de vários espaços para a prática, e a juntar aos residentes, surgem muitas pessoas exteriores. No entanto, a questão da territorialidade do espaço, faz como que, os locais não partilhem o sítio com os restantes. Os residentes encontram-se normalmente nos pontões e os veraneantes utilizam mais a foz do rio.

Outra actividade de relevo, é o *Bodyboard*, que segundo a Revista da modalidade *VERT*, na sua edição de Fevereiro de 1991, tinha como tema de capa, a Cova do Vapor como o «*Empório das ondas*», «*a praia mais bodyboard do país*» (Fonseca 1991)

No bairro existiu, um forte impacto do *bodyboard* na geração de adolescentes que agora são adultos. A década de 90 marcou o crescimento da modalidade, e no bairro, era o desporto de eleição. Com «*qualidades e características ímpares*» «*A onda atrai estes atletas por ser um pico triangular, tubular, rápido, com boas rampas*». (Fonseca 1991)

No entanto a predominância do *bodyboard* naquela zona está relacionada com o facto da «*comunidade local sempre ter mantido vivo local como uma espécie de reduto underground do bodyboard sem permitir que a massificação*» «*descaracterizasse o local e a sua identidade*». (Fonseca 1991)

¹⁸ Costa da Caparica, pescadores vizinhos da zona das terras de cultivo, nas imediações da cidade.

A questão da territorialidade é aqui bastante evidente, embora actualmente esteja mais calma devido à maior frequência de pessoas ao local. «*A convivência inicial com os locais não foi fácil. Havia uma tensão constante e os conflitos eram permanentes.*» (Fonseca 1991)

Por fim e obviamente a Cova do Vapor é um local onde se pode ir a banhos, o bairro a oeste têm duas pequenas praias, as primeiras numa linha de costa que termina no Cabo Espichel.

Ainda que possamos encontrar algumas particularidades, ambas as praias não tem o mesmo publico, a praia mais pequena (que se situa na foz do rio) é aquela que a população local visita. A segunda praia (nome pelo qual é apelidada) é a praia dos mais novos e dos surfistas.

Estilos de vida

O bairro é também apelidado de *Algarve dos pobres* e isso deve-se ao carácter simples de uma população desfavorecida. No meio deste palco, encontramos certos actores com vidas bem diferentes e com histórias de vida bem curiosas. Olhando por exemplo o vestuário, ele caracteriza-se por formas simples e descontraídas, os calções e chinelos são traços transversais a toda a população, e quando questionamos alguém sobre determinado aspecto, a resposta é taxativa: «*aqui na Cova ninguém liga, estamos à vontade!*»

De uma forma geral podemos encontrar algumas pessoas com percursos de vida idênticos, dos quais destacaria aqui alguns.

O bairro tem bastante população idosa e isso deve-se a alguns factores. Por um lado, muitas destas pessoas estão na origem e crescimento do bairro, alguns criadores das suas próprias casas que, sendo habitações de veraneio, não foram alvo de venda ou troca, quanto muito herdadas. Assim, após o fim da sua vida activa, permanecem de vez no bairro. Por outro lado, a maioria dessas pessoas são de Lisboa, sem qualquer ligação

rural, tornando no bairro, a sua *casa da terra*, parafraseando uma expressão mais popular, aquele local onde ambicionaram um dia vir após o fim da sua vida activa.

Um outro grupo é o caso das pessoas que se dedicam a actividades profissionais mais marginais. Algumas oriundas de zonas problemáticas da cidade de Lisboa, vieram morar para o bairro, para fugir um pouco da “confusão”. Como o objectivo é passar despercebido, as suas práticas não se verificam no local nem são levantados conflitos entre a restante população.

Por fim, um último grupo que gostaria de abordar, são os novos habitantes, filhos e alguns netos de pessoas que já frequentaram o bairro e que aproveitaram as habitações familiares para ser a sua primeira casa, muitos deles motivados por razões económicas, outros, pelo facto de estarem à beira-mar, encaram o bairro com um estilo de vida longe da confusão e da limitação de espaço e circulação de outros locais.

Uma extensão de Lisboa

Afirmar o bairro como uma extensão de Lisboa, é no fundo dizer que é possível encontrar práticas culturais e relações identificativas com a cidade, principalmente, com os bairros históricos.

A margem sul do Tejo deve parte do seu desenvolvimento, aos factores de proximidade de Lisboa, com todos os aspectos ligados ao crescimento suburbano, e nesse sentido verificou-se uma migração de gentes do Alentejo para estas zonas em crescimento. (Machado 2002) No entanto, a Cova do Vapor tem a particularidade do seu povoamento ter origem fundamentalmente da cidade de Lisboa. Da recolha que tive oportunidade de fazer, de uma amostra de 60 habitantes, 23 são de Lisboa o que pressupõe que mais de um terço venha da cidade e a restante parte dos seus arredores. (Figura 17.3)

Neste sentido afirmar o bairro como uma extensão de Lisboa é dizer que é possível encontrar aspectos semelhantes ao que se presenciam na cidade principalmente em bairros históricos. Uns dos exemplos são as casas de *Fado*. Actualmente não encontramos nenhuma activa, mas a década de 80 e 90 era possível ouvir fado em cerca de 3

estabelecimentos. O mais emblemático, era *O cantinho da Júlia*. O restaurante propriedade da senhora Júlia da Mouraria, tinha aos fins-de-semana várias sessões de *Fado*, não faltando público num espaço agradável.

As casas de fado no bairro não eram mais do que restaurantes explorados por pessoas, oriundas de Lisboa e que durante a época alta no verão e fins-de-semana, convidavam artistas para lá actuarem. Actualmente as *casas de fado* neste molde mais tradicional estão fechadas, as razões são várias, mas tudo converge a um ponto. O envelhecimento da população, como me era relatado por um habitante, «*os novos já não querem saber destes espaços*» No entanto, o espírito permanece e presentemente é possível ainda durante o mês de Agosto presenciar algumas actuações no bar da associação de moradores e no bar junto à praia.

Para além do Fado, a envolvência e inspiração lisboeta chegou inclusive a criar uma marcha para o bairro (Figura 18.4) que se cantava por altura de festas do verão no mês de Junho.

Assim sendo a Cova do Vapor, apesar da distância física com a cidade de Lisboa consegue manter traços de uma cultura popular urbana similares á capital. As pessoas são, em última análise, actores principais das práticas culturais e da identidade, e isso é possível encontrar localmente a recriação de ambientes culturais semelhantes a outros locais, tal como acontece nas comunidades emigrantes espalhadas pelo mundo. Em suma, a Cova do Vapor, poderá ser vista como uma versão balnear dos bairros populares da cidade de Lisboa onde as pessoas são na sua maioria daí oriundas, mudando apenas o aspecto exterior do tecido habitacional, uma vez que, ao nível das relações e das cores que advêm dos estendais, há um prolongamento do bairro típico da cidade, para o bairro da Cova do Vapor.

Se por um lado o bairro representa uma extensão de Lisboa, por outro, ele poderá despertar outra relação identitária, neste caso, a identidade de bairro. Ou seja, a relação de identidade que mantêm com os seus locais de origem, com toda a carga cultural que transportam e que de alguma forma a reproduzem no bairro confunde-se com uma identidade criada neste local, envolvendo os lisboetas e não só.

Esta teoria poderá ser equacionada, de duas maneiras. Primeiro o sentimento de união que os habitantes mobilizam quando se geram conflitos com bairro vizinhos, e que no

qual tive oportunidade de presenciar. Segundo, a consciência de uma identidade *Covaporiana*, como me dizia um vizinho do bairro em tom de brincadeira quando me cruzei com ele numa rua em Lisboa, acompanhado por outra pessoa, e que, prontamente, me apresenta como um *Covaporiano*, um habitante da Cova do Vapor. Aliás, essa expressão é corrente principalmente entre os mais novos. Para além de estar relacionada com a identificação do habitante do bairro, simboliza também o espírito vivido no local. A desconstracção que caracteriza o ambiente de férias parece também caracterizar simultaneamente o modo de vida daqueles que povoam o bairro o ano inteiro. Dai que numa observação a uma ou outra acção mais despreocupada a conotação de *covaporiano* era aplicada. No fundo é uma expressão que denomina o habitante do bairro, mas vai mais longe na sua definição, remete também ao carácter simples e desfavorecido da população.

Visibilidade e imagem exterior

Se a união, ou talvez a cumplicidade gerada no bairro, é notória, importa também referir a imagem exterior que tem nos bairros vizinhos. O mais próximo, é o bairro do 2º Torrão que se encontra no lado oposto. A dividir os bairros estão as instalações militares da NATO.

O 2º Torrão tem também uma história semelhante à Cova do Vapor, mas após o 25 Abril, serviu de acolhimento à comunidade africana oriunda, principalmente, de Cabo Verde. Esse factor, transformou num bairro suburbano de comunidades emigrantes, com alguns problemas de integração social e económica. (Figura 16.4)

O contacto com a Cova do Vapor, resume-se ao acesso à escola primária, que se situa na fronteira com o 2º Torrão. As crianças da Cova do Vapor usam o bairro como atalho para chegar a escola.

Por outro lado, as origens populacionais são bem diferentes e existem muitos poucos laços familiares entre habitantes.

Segundo informações recolhidas na reportagem elaborada por um grupo de alunos que estiveram no local e também de alguns contactos posteriores meus, a Cova do Vapor é vista pelo 2º Torrão como um bairro de protegidos, que defende bem os seus interesses.

Vários problemas foram levantados das conversas que recolhi. Entre elas, destaco o sentimento de discriminação, algumas pessoas diziam-me que a GNR não ia à Cova do Vapor ou que os serviços como a Electricidade, nunca apareciam no 2º Torrão, no fundo, tudo servia para argumentar a discriminação positiva que a Cova do Vapor tinha.

À excepção do 2º Torrão, a imagem exterior da Cova do Vapor na zona, alterna entre o desconhecimento, considerando todo aquele local como um só, e o reconhecimento do local como zona essencialmente de praia e pesca. As localidades mais próximas são a Costa da Caparica e a Trafaria.

A Costa da Caparica mudou muito recentemente, vive no local a maior comunidade brasileira do país e não parece existir por parte desta grande conhecimento e envolvimento com a Cova do Vapor. Na vila da Trafaria, a situação é diferente, é a que melhor sente essa aproximação e conhecimento, pelo menos nas abordagens que fui tendo nas ruas e nos cafés quando me identificava como sendo da Cova do Vapor. A Trafaria é a sede da Freguesia, uma localidade bastante pacata e pequena a 4 km do bairro. A sua história e crescimento estão ligadas à pesca e esse factor foi também o motivo que levou algumas das suas gentes a criarem uns *barracos* de apoio à pesca nas extensões de areais ali próximos, nomeadamente naquilo que é hoje a Cova do vapor, daí que ainda hoje encontramos algumas pessoas do bairro com origens na Trafaria, principalmente as famílias de pescadores.

A vila da Trafaria está também a ser alvo de alterações sociais. São em crescendo o número de habitações para venda que vão sendo reformuladas e ocupadas por novas famílias oriundas de uma classe mais abastada do que aquela que ali habitou.

Hoje em dia a vila da Trafaria, embora se encontre à mesma distância relativamente à Costa da Caparica, dado que a Cova do Vapor se situa a meio caminho entre ambas, existe uma maior aproximação da população do bairro à Trafaria, uma vez que, é verificado com preocupação pelos habitantes da Trafaria e Cova do Vapor o crescente número de actos ilícitos e violência verificados com os brasileiros da Costa da Caparica. Da observação que fui efectuando, aquilatei que a maioria das pessoas tende a deslocar-

se mais à Trafaria para compras e afins do que à cidade da Costa da Caparica, onde o nível de oferta comercial é maior. Também no caso do associativismo desportivo, verifiquei que, apesar do Clube “Os Pescadores da Costa da Caparica” militar nos escalões principais do futebol nacional, são os jogos *do Trafaria*, que milita nos distritais da Associação de Futebol de Lisboa que o bairro assiste, apoia e é associado.

5. O FUTURO

Antes de tecer algumas considerações finais em relação ao futuro, gostaria de destacar alguns aspectos teóricos que foram levantados ao longo do trabalho e que de alguma forma reflectiram o objectivo principal do exercício.

Este particular bairro, a Cova do Vapor, foi o palco de análise, no entanto, todo o trabalho teórico desenvolvido alicerçou-se naquilo que havia sido trabalhado por outros autores. Destaco aqui a obra de Firmino da Costa, *Sociedade de Bairro*, sobre a identidade cultural de Alfama.

O autor identifica os aspectos de carácter morfológico, social e cultural do bairro destacando a fisionomia, a imagem criada e o traçado urbanista. Para além disto, no seu núcleo estruturante, refere os aspectos que considera uma sociedade de bairro, como os seus aspectos culturais. No trabalho aqui apresentado, efectuo um encadeamento similar, na medida em que, levo em linha de conta estes aspectos nos capítulos: “caracterização geral do bairro” e no capítulo seguinte, “etnografia de bairro”.

Para além de Firmino da Costa, destaco ainda mais dois autores Herbert Gans e Gilberto Velho que nas suas obras referem aspectos que considere serem equivalentes aos que encontrei no bairro por mim estudado. Por um lado, na obra de Gans, a ideia de *peer group society* como sendo algo que poderá definir e caracterizar o modo de vida e as pessoas de um determinado grupo social onde os comportamentos tendem a pautar-se pelo fechamento social e pela convivência entre iguais, facto que poderia encontrar alguma similitude na Cova do Vapor. Por outro lado, as características e o enquadramento físico do bairro comparadamente ao estudado por Gilberto Velho, Copacabana, mas claramente numa versão mais simples e popular.

Para além destas inspirações incontornáveis neste tema, que me permitiram orientar a investigação, importa referir a ideia central de coesão social onde saliento alguns factores importantes e influenciadores no bairro, neste sentido destaco quatro aspectos:

Primeiro a sua fisionomia, o tipo de construção térrea, a relação com a rua potenciadora de uma cultura de portas abertas caracterizada por uma maior convivência entre vizinhos. Para além disso, o isolamento aos restantes bairros, como de uma aldeia do interior se tratasse, fechando mais a população entre si. Segundo, o sentimento de veraneio vivido, o facto de ser um bairro que se confunde com uma instância balnear predispõe mais os habitantes a uma certa descontração e calma. Terceiro, as actividades praticadas, a proximidade do mar desperta para práticas mais socializáveis, como o *surf* que todos os dias junta grupos de pessoas na água. Por último, a Comissão de Moradores, talvez até a mais importante instituição dado que é um órgão sempre presente nos pequenos e grandes conflitos no bairro. Um organismo mediador e regulador, respeitado e de grande controlo social.

Para finalizar gostaria de tecer algumas considerações em relação ao futuro do bairro. Tendo em conta a evolução histórica vivida nestes últimos vinte anos, é possível afirmar que pouco tem mudado. Realço no entanto um factor social diferente que tem surgido no tecido social da Cova do Vapor, como referi anteriormente, o surgimento de novos habitantes, que não são oriundos de um estrato comum ao bairro. Estes novos casais que ali se fixam, caracterizam-se essencialmente por procurarem e ali encontrarem uma proximidade do mar que lhes serve de base às actividades de recreio.

Este fenómeno poderá eventualmente determinar o futuro do bairro, que em última análise, poderá evoluir de forma semelhante ao que se passou na Ericeira onde a procura por uma casa à beira-mar ideal para banhos de mar e para a prática do surf ou outras actividades denominadas radicais transformou uma pequena aldeia numa vila procurada por uma classe média-alta (Silva 1999). Esta comparação, traduz-se numa espécie de *gentrification* idêntica à que se passa em certas zonas das cidades, ou seja, se o fenómeno corresponde de uma forma geral ao enobrecimento de uma determinada zona urbana pela mudança do tipo de população residente, como aconteceu nalguns bairros históricos da cidade de Lisboa, na Cova do Vapor devido à sua localização privilegiada

à beira-mar, tenderá também a ser alvo de um fenómeno semelhante e com isso alterar os princípios mais humildes que estão na base da sua criação.

No entanto, o que se verifica na Cova do Vapor actualmente é a manutenção, seja em termos físicos, seja em termos sociais. Considero assim, face ao que fui recolhendo, que alguns factores contribuíram directa ou indirectamente para esta situação. O caso de Beatriz Ferreira, uma residente do bairro, é um exemplo histórico disso mesmo. Nos anos 60, o bairro esteve à beira de ser totalmente demolido, valeu a rede de conhecimentos dessa senhora que sendo fotografa do Estado-Novo e mantendo boas relações com o presidente Américo Tomás, evitou tal acontecimento.

Actualmente são outros os factores que atrasam e impedem qualquer projecto de intervenção no bairro. A começar pelo simples facto de não existir na população vontade para sair. A Comissão de Moradores tem trabalhado junto das diversas entidades para a manutenção do bairro, alegando desde razões históricas a elementos judiciais. Neste último caso, a complexidade judicial que está subjacente às competências jurisdicionais envolventes ao tecido urbano do bairro da Cova do Vapor, traduz-se para os moradores num excelente entrave criado pela própria Justiça, pois a Cova do Vapor envolve várias entidades competentes privadas e estatais que não revelam entendimento entre si e assim contribuem para a manutenção do edificado.

No entanto, são previsíveis alterações que poderão vir a ter efeito até ao final do ano de 2010. Obviamente, esta previsibilidade pode vir a ter o epílogo que tantos outros projectos tiveram até à presente data. No entanto, segundo informações do município de Almada, os terrenos onde se situa o bairro passaram para a jurisdição da APL que discute a passagem do terminal de contentores para esta zona. Se tal facto vier a verificar-se, teme-se que este bairro venha a desaparecer.

Este cenário terá certamente impactos sociais. Para já este é um aspecto lactente e que é reflectido no medo generalizado de um processo de realojamento conjunto com outros bairros, nomeadamente com o 2º Torrão, que ao contrário da Cova do Vapor, anseia por uma mudança da sua situação. Além disso, uma nova configuração de habitação vertical irá certamente prejudicar esta cultura de portas abertas, que terá em última análise, a vantagem da proximidade e entre-ajuda entre habitantes. Ao mudar para uma configuração vertical, perder-se-á um pouco o contacto, e de alguma forma, isolar-se-ão

mais os casos sociais problemáticos. São vários os casos, na Cova do Vapor, de crianças a passarem o dia inteiro na rua e alguns casos com os pais a trabalharem. Mas como o bairro é pequeno (e como me diziam) *«há sempre alguém que dá um olhinho por eles»*.

Qualquer projecto interventivo neste local terá que ter em linha de conta os vários impactes sociais. Em suma, parece já não existir espaço na sociedade para diferentes modos de vida, a evolução e o ordenamento territorial, não deixam espaço para que estes locais continuem a existir. Qualquer conversa que mantive com vários habitantes da Cova do Vapor acerca deste local foi de encontro a duas questões centrais: o ordenamento, ou seja, o facto de as casas estarem desordenadas e muito próximas do mar numa zona que deveria ser classificada de paisagem protegida; por outro, e talvez o mais desconcertante, a justiça e igualdade social. Todos revelam conhecimento sobre a forma como foi efectuada a implementação do Bairro. Todos sabem que há uma protecção legal por serem possuidores das autorizações para concretizarem o edificado. No entanto, também é notório que os habitantes sabem do constrangimento da impossibilidade de venderem no mercado imobiliário corrente, os seus imóveis, que por mais que aparentem pouco vigor ao nível dos alicerces e porventura, uma estética pouco coerente com os níveis arquitectónicos actuais, se tornam apetecíveis dada a sua situação geográfica. Ainda assim, os proprietários beneficiam de algo, ou seja, um bem que alicerça a condição humana que actualmente se traduz em pouco mais que uma declaração para a autorização de construção. Tal, é neste momento tão importante como a sua histórica presença desde os primórdios da Cova do Vapor. Seria como algo que ficou esquecido no tempo e agora com as mudanças sociais dos tempos não se consegue definir ou enquadrar legalmente o local e o seu futuro.

A marginalidade desta faixa litoral tornou quase a Cova do Vapor num bairro sem espaço físico, no entanto e embora a permeabilidade do local, os seus habitantes mantêm na mesma a sua noção de comunidade e talvez tenha sido essa razão a base para parte da explicação da sua harmoniosa coesão. Em suma, um bairro pode se organizar de varias formas e não é a uniformidade do local e das casas de um ponto de vista arquitectónico que irão ser determinantes na sua coesão, este caso aqui exposto, julgo, ser um exemplo de como a desorganização pode ser organizada.

Referências bibliográficas

Authier, Jean-Yves, Marie-Hélène Bacqué, Guérin-Pace (2007), *Le quartier. Enjeux scientifiques, actions politiques et pratiques sociales*, Paris, La Découverte.

Costa, António Firmino (2008), *Sociedade de Bairro: Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*, Lisboa, Celta Editora.

Cordeiro, Graça Índias (1997), *Um lugar na cidade: Quotidiano, memória e representação no bairro da Bica*, Lisboa, Dom Quixote.

Cordeiro, Graça Índias, e Frederic Vidal, (2008), “Introdução” in *A Rua: espaço, tempo e sociabilidade*, Lisboa, Livros Horizonte. (pags. 9-15)

Gans, Herbert (1962), *The Urban Villagers*, New York, The free press.

Fonseca, António (1991), “Cova do Vapor, o Empório das ondas”, *Revista VERT*, edição Fevereiro, pp.66-79

Loureiro, Carlos Gomes de Amorim (1965), *Estaleiros Navais Portugueses: Subsídios para a História da Construção Naval de Ferro e Aço em Portugal*, vol. II, H. Parry & Son, Lisboa, Oficina Gráfica de Ramos, Afonso & Moita, L.da.

Machado, Ana Durão (2002), *Feijó, meu lindo Feijó!*, dissertação de mestrado em Antropologia, Lisboa, ISCTE.

Oliveira, Ernesto Veiga de, Fernando Galhano e Benjamim Pereira (1969), *Construções Primitivas em Portugal*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

Oliveira, Ernesto Veiga de, e Fernando Galhano (1964), *Palheiros do Litoral Central Português*, Lisboa, IAC/Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.

Oneto, Francisco (2008), (org.) *Culturas Marítimas em Portugal*, Ancora Editora, Lisboa.

Silva, Rita Isabel M. Jerónimo da (1999), *Apropriação simbólica do espaço da praia: Ensaio etnográfico na Praia do Sul, na Ericeira*, dissertação de mestrado em Antropologia Social, Lisboa, ISCTE.

Velho, Gilberto (1973), *A utopia urbana: um estudo de Antropologia social*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

Whyte, William Foote (2005), *Sociedade de Esquina*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

Anexo A

Levantamento Habitacional Julho 2010

Nome do Titular	
Morada na Cova do Vapor	
Freguesia da	Trafaria
Código Postal	2825-897 Trafaria
Paga IMI	
Telefone	
Telemovel	
Sócio Nº	
Bilhete Identidade Nº	
Arquivo Identificação	
Contribuinte Nº	
Recenseado na Freguesia de	
Morada fora da Cova do Vapor	
Freguesia de	
Concelho de	
Código Postal	

AGREGADO FAMILIAR

Nome	Grau Parentesco	Idade	Nº Contribuinte

O Proprietário,

Figura 1.2 - Modelo de Inquérito utilizado



Figura 2.3- Imagem aérea da Zona de areal em 1996

Imagem aérea de 1996 onde se observa o desaparecimento da língua de areia que ocupava o local. No canto superior esquerdo da imagem, situa-se o Forte de S. Lourenço, na altura acessível por terra. Em baixo (Figura 3.3) a evolução do desaparecimento da areia ao longo dos anos (Fonte: INAG, I.P)



Figura 3.3 – Invasão do Mar desde 1929 a 2007



Figura 4.3 – Imagem aérea do local



Figura 5.3 – Imagem das vias de acesso ao Bairro

Imagem do bairro onde é possível observar a única estrada de acesso, ladeada pela Mata e pelo Rio, destacada a verde. Dentro do bairro, vista do circuito possível em viatura, a vermelho a rua principal que circula o bairro, a azul, a rua secundária

A Cova do Vapor

PRAIA POPULAR DA MARGEM SUL
DEVE À
PARCERIA DOS VAPORES LISBONENSES
O SEU COMODO E FÁCIL ACESSO

Domingo, às primeiras horas da manhã. Os turistas apressam-se porque o barco está atracado à ponte e os horários são rigorosos. Nas malas, vão os farnéis e nos rostos a alegria que dá a certeza de um dia bem passado.

DURANTE muitas dezenas de anos, os lisboetas ignoraram as praias da margem Sul do Tejo. Só a Trafaria juntava, nos meses do Verão, escassa colónia de banhistas. Hoje, contam-se por milhares os que em passeio de fim de semana ou em gozo de férias se estendem por este areal dourado e limpo que vai do Torrão à ponta da Coroa e de aí até à Costa de Caparica.

A razão desta concorrência foi o conhecimento fácil dos encantos dessa margem do Tejo e esse conhecimento só se tornou possível quando a facilidade de transportes cómodos a permitiu.

Quem adivinhava há trinta anos a praia da Cova do Vapor?

Ignoravam-se as suas qualidades como muitas ainda ignoram a origem do seu nome.

O areal, desde as últimas casas da Trafaria até o Bico da Coroa, era uma planície extensíssima que as águas da enchente cobriam e a vazante punha a seco. Não tinha, portanto, condições para se tornar uma zona balnear.

Um dia, a Empresa Hervis começou as obras do porto de Lisboa em cujo plano estava o aterro da margem desde Belém. Para conquistar ao Tejo essa faixa era necessário amontoar areia que arredasse as águas. Foi o que se fez. As dragas Hervis começaram a ir à outra margem encher os batedios. No ponto onde fiseram a dragagem ficou uma cova onde as águas eram profundas e, portanto, possuidoras de todas as condições que recomendam uma praia de banhos: fundo de areia sem pedra, transparência cristalina, corrente não impetuosa, tranquilidade das marés.

A praia estava encontrada. Faltava, porém, torná-la acessível.

Resolveu inteligentemente o problema a Parceria dos Vapores Lisboenses. Esta Empresa, que já tinha resolvido a facilidade de acesso à Trafaria e, implicitamente, à Costa de Caparica, tomou a peito dotar Lisboa com mais uma praia, criar uma nova zona balnear, oferecer aos que desejam esquecer junto do mar as cansações da semana, uma excursão fácil, económica e pitoresca. Para isso criou o serviço de carreiras Lisboa-Cova do Vapor. O público da capital aplaudiu a feliz iniciativa. A afluência extraordinária cada vez maior a essa nova praia é a demonstração, dia a dia confirmada, de que o público agradeceu e aplaudiu o gesto da Parceria.

Os barcos da Parceria dos Vapores Lisboenses oferecem toda a comodidade e segurança, a par da rapidez e da obediência aos horários.

Um dos magníficos barcos da Parceria que faz a carreira da Cova do Vapor. EM BAIXO: Pelo extenso areal os banhistas gozam em toda a plenitude, a be-

Figura 6.3 – Recorte de Imprensa de 1948



(Continuação) Jornal O Século Ilustrado 1948 – Reportagem acerca da nova travessia para a Cova do Vapor.

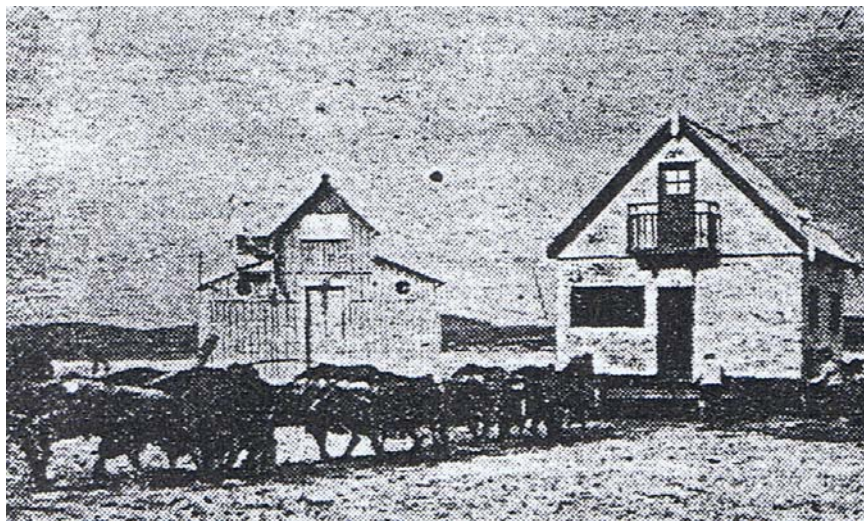


Figura 7.3 – Imagens do processo de movimentação das habitações



Figura 8.3 - Palheiros Costa Nova



Figura 9.3 – Habitação, com traçado original



Figura 10.3 – Habitação com traçado original



Figura 11.3 – Exemplos de Arquitectura Caseira



Figura 12.3 – Habitação antiga do Bairro, Nº1

Figura 13.3 – Ruelas do Bairro
(A Travessa do Cotovelo)





Figura 14.3 – Imagens do Bairro

Figura 15.4 – Imagem zona da Baía, porto de embarcações



Figura 16.4 – Imagem muro na entrada do bairro 2º Torrão

Indicador Idade	Menos de 35 Anos	Entre 35 a 64 Anos	Mais de 65 Anos	Total Amostra
Habitantes permanentes	4	12	10	26
Habitantes não permanentes	3	18	13	34
Total	7	30	23	60

Indicador Origem	Lisboa	Margem Sul	Outros/ Desconhecido	Total Amostra
Habitantes permanentes	7	1	18	26
Habitantes não permanentes	16	6	12	34
Total	23	7	30	60

Distribuição Hab origem em Lisboa por zona	Nº Hab
Mouraria	6
Alcantara	2
Graça	2
Picheleira	2
Benfica	1
Olivais	4
Boavista	1
Santos	1
Chelas	1
Castelo	1
C. Ourique	1
Ajuda	1

Figura 17.3 – Dados relativos ao inquérito populacional

MARCHA DA COVA DO VAPOR

I

Cova do Vapor é bela
Pequenina junto ao mar
Todos que passam por ela
Não passam sem cá voltar
Em noites calmas de estrelas
Ouve os pescadores cantar
Suas casinhas singelas
Brilham à luz do luar

Refrão

Vem cá menina, vem à Cova do Vapor
Tu aqui tens liberdade, tens a paz, tens amizade
Tens uma vida melhor
Vem cá menina, vem à Cova do Vapor
Traz a tua mocidade, brinca connosco à vontade
Traz contigo o teu amor

II

Em frente deste areal
Brilha a Torre do Bugio
Nosso vizinho leal
Que às caravelas sorriu
Em noites de vendaval
E luz que Deus abençoa
Livra o marinheiro do mal
Guia os navios pr'a Lisboa

Refrão

III

Na linha do horizonte
Põe-se o sol no azul do mar
Com a barra aqui defronte
Vemos os navios passar
Nesta ponta abençoada
Onde em paz reina a alegria
Somos a guarda avançada
Da nossa mãe Trafaria

Refrão

Figura 18.4 - Letra da Marcha da Cova do Vapor